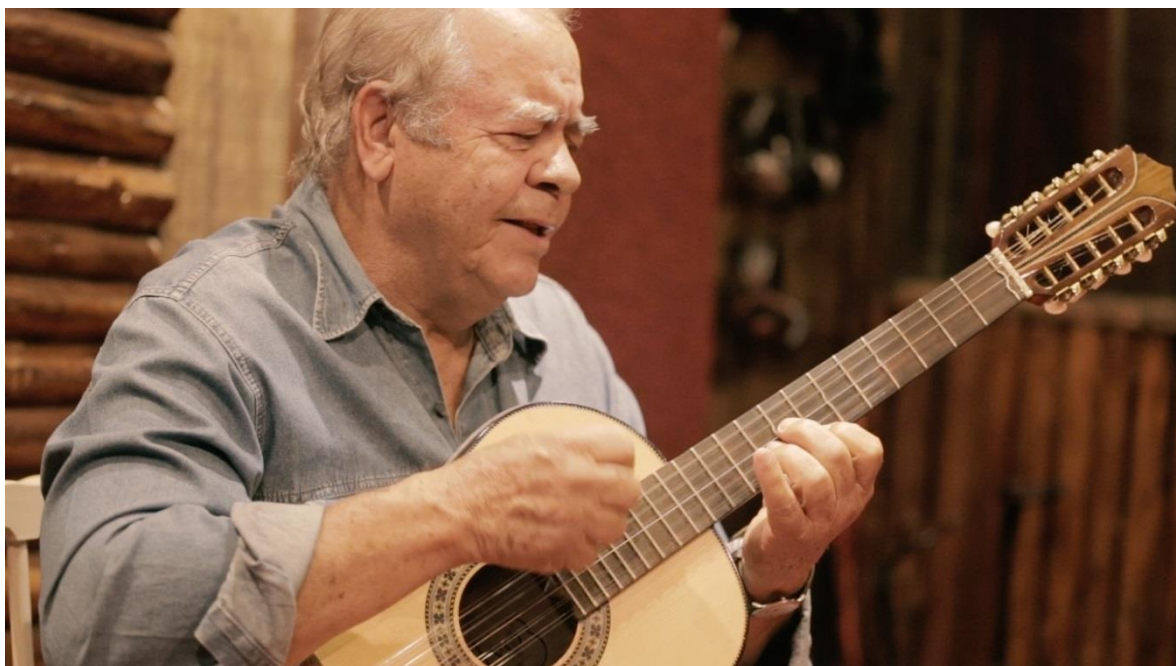




entrevista com Tião Violeiro

Entrevista com Sebastião José dos Santos, Tião Violeiro, músico e mestre de obra, nascido em Patos de Minas-MG no dia 01 de novembro de 1939. Entrevista realizada no Orbis Estúdio, em Vicente Pires-DF, dia 12 de dezembro de 2019. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Tati Costa, Sara de Melo e Daniel Choma.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Domingos: O senhor é natural de onde?

Tião: Patos de Minas.

Domingos: Como era lá na infância?

Tião: Na infância é vida de roça. Morar retirado uns cinco quilômetros da cidade. Leiteiro, carregava leite, lá tinha uma fazenda de meu avô. O que produzia lá, às vezes, a gente vendia leite para a cidade. Fui leiteiro, trabalhava na roça, na lavoura. Puxador de cavalo na carpideira, carpindo [Risos] De menino a gente foi crescendo e foi pro cabo da enxada. Foi pro rabo do arado. Fiz de tudo... Até os quinze, dezesseis anos. Aí fui pra cidade. Larguei lá, fui pra cidade, fui trabalhar em charqueado, não é nem frigorífico, é charqueado, que matava pra fazer o charque. Exportava pra Paraíba, pro Rio Grande do Norte, pra toda parte. Aqueles [caminhões] Fenemê 55, custava a andar, nem a noventa por hora, andava igual um trator. Mas é isso aí. Minha vida foi lá matando boi. Meu irmão era matador, era ajudante. Fiz de tudo, depois ia pro varal secar a carne, mandar pra embalar pra mandar pra fora, pra outros Estados. Então a vida foi isso... Depois vim pra Brasília, depois casei, passou isso aí, trabalhei em outras coisas, terraplanagem. Mas no meu tempo de criança, também, que você perguntou, porque naquele tempo do começo tinha as Folias de Reis. Você sabe que lá foi constatado que é o lugar que tem mais Folias de Reis. Nesse tempo não tinha, no meu tempo de menino, que eu cantava, já tocava um cavaquinho. E daí pra cá tinha as Folias, fui folião até mais ou menos dezenove anos. Depois saí de Patos, fui pra outra cidade, trabalhar fora. E aí casei com vinte anos de idade, antes dos vinte.

Domingos: Na família do senhor, os seus pais, tinha alguém que já tinha envolvimento com música?

Tião: Com música meus tios. Meu avô veio do estado do Rio [de Janeiro] trazendo uma viola, ele era papa-goiaba. Minha avó era portuguesa. Até trazendo uma viola, hoje todo mundo nas entrevistas eles falam dessa viola... A viola é portuguesa. Isso aí todo mundo que faz entrevista sabe, o Roberto Corrêa está cansado de falar isso. Toquei com Roberto Corrêa também, falando nisso. Reis Moura, fui dupla com Reis Moura. Mas aí meu avô trouxe esse instrumento e batia mais ou menos, mas ele praticamente vivia só... Era uma viola de doze cordas. E nós tinha era violão e viola. Era violão de seis cordas e acordeom. E aí meus tios na lavoura, na safra vendiam pra comprar instrumento. Comprou um casal de viola da [marca] Del Vechio... Aí a gente tocava, como só tocava no violão, eu tinha meus doze anos, treze, tocava no violão e afinava a viola de violão. Perdemos um tempão! Até vir pra Brasília eu não tocava viola, só se fosse afinada de violão e só batendo. Se fosse pra tocar... Aqui eu comecei uma vida dura, cheguei na época da revolução e não tinha tempo pra mexer com instrumento, passei muito tempo. Aí foi que eu comecei de novo a tocar e estou até hoje. Mexendo, mas o instrumento é o seguinte, você passa tempo sem instrumento, mas se você acostumar com ele aí você não fica sem ele. Embora as habilidades vão acabando, mas...

[Risos]

Domingos: Como era Brasília na época que o senhor chegou?

Tião: Brasília, na época que eu cheguei, era muito boa. Muito boa assim, pra você trabalhar, porque lá em Minas Gerais, eu trabalhando lá, aqui o meu salário dobrou e de ajudante. Por aqui, buscando cascalho por aqui pra fazer aquele primeiro posto que era posto da Petrobrás, na saída de Taguatinga ao Plano Piloto. Em [19]64, no início do ano eu trabalhava, pegava cascalho aqui, por isso que eu falo pra você que eu conheço isso aqui, essa parte aqui [refere-se à região de Vicente Pires, onde foi realizada a entrevista]. Então daí pra cá... Aí entrou a revolução, assim que eu cheguei, uma baderna danada e tal. Mas eu não fiquei sem trabalhar, porque trabalhava como [ajudante de soldador], na época, ficava trancado dentro do galpão lá trabalhando. Aí logo veio a ditadura, a lei seca. Mas a gente trabalhava assim mesmo, era muito difícil. Eu já estava trabalhando na obra, às vezes procurava emprego, por causa da ditadura, aquele negócio, aquela bagunça deles, não achava serviço, não há vaga, todo lado. E a gente sempre se virando. Furei cisterna [Risos] Fazendo vala na rua quando era pra por água, porque aqui era novo. Aqui nas QNG. Então a vida foi desse jeito, não é? E aí fechou negócio de entrega de lote, pra ganhar lote, o povo invadir e eu não ia invadir. Aí ficou esses vinte anos sem loteamento. Depois de vinte anos foi lotear, aí foi que eu fui conseguir comprar o meu [lote] devagar e tal. Mas a vida foi muito dura. Hoje não, graças a Deus, os filhos casou, está tudo bem.. Ninguém ficou rico mas... [Risos]

Domingos: Brasília mudou muito de lá pra cá?

Tião: Nossa, mudou demais. Eu até quando cheguei aqui escrevi, como diz, uma moda, que eu cheguei a falar: “é aqui que eu tenho vivido, desse lugar escolhido eu não saio nunca mais.” Achei bom, está lá escrito, eu nem musiquei, nem nada. Isso tem muitos anos. Mas aí dá vontade de sair. Dá vontade de sair porque não é mais o que era. As pessoas, o lugar é bom, as pessoas que vão chegando, vai impondo os costumes deles, o jeito deles. Porque a gente que tem consciência das coisas não gosta de ver nada mal feito. Mas, graças a Deus, lá no canto que eu moro ainda, de frente com o SESI, chega no SESI é pro outro lado, perto da reserva, é bom. Lago do Cortado, parece que eles falam lá. Mas foi ali, aquele tempo todo aqui, passei a vida aqui. Depois a gente vai melhorando, Deus vai abençoando. Mas agora está bem, graças a Deus. Quando está bem pra um lado, a saúde vai pifando... [Risos] Falar igual o Zé Mulato, uma vez lá naquele restaurante Chão nativo, chegou lá, tinha tanta coisa, leitoa, tudo... “- A gente quando podia comer não tinha. Agora como não pode, tem e nós não pode comer.” [Risos] Ele é engraçado! Então é isso aí, a vida foi isso aí.

Daniel: Como era Vicente Pires, que o senhor estava comentando?

Tião: Vicente Pires aqui era chácara, tinha chácara. Nós estamos na rua 8, tem uma separação que era um córguinho, uma vala que descia assim. Pra cá e pra lá parece que é, não sei, tem Samambaia, núcleo rural de Samambaia, mas aqui era tudo pasto, tudo, tudo, tudo. Tem pouco tempo que começou. O pessoal chacareiro, mas era tudo pasto aqui. Os

carroceiros traziam os cavalos pra pôr aqui. Quem puxava feira, essas coisas, daqui até lá embaixo era tudo pasto.

Domingos: Pessoal comenta que em Taguatinga havia muito barraco... Como era, na época do senhor, era assim?

Tião: É. Mas quando eu cheguei aqui, pra você ver, quando eu cheguei aqui pra Taguatinga em [19]64 e eu vinha trabalhar, morava no ponto final que era da comercial norte. Eu ia pra lá às vezes de pé e passava, tinha muito barraco. Onde era o antigo Bar Estrela, lá na praça do relógio, do lado debaixo, na esquina, o referencial do povo aqui era o Bar Estrela. Parava todo mundo lá, o ônibus. E ali tinha um serviço de alto-falante na rua, era tudo de tábuas. Benedito Domingos tinha a vidraçaria dele do outro lado, de tábuas. Foi na época que eu construí lá na saída aquele posto, ajudei a construir. Então tinha serviço de alto-falante, pra você ver. Naquela época, 64, eu saía do serviço, aí já tinha uma bicicletinha. Aí eu estava subindo de pé, mais ou menos tipo seis horas, quem chega lá? Num circo de Cascatinha e Inhana, Circo Transcontinental, perto da praça do relógio, perto da igreja, parece que é Sagrada Família. Aí chega o Roberto Carlos no cadillac dele. Roberto Carlos! Quer dizer, era pobre, ele estava vindo cantar no circo. Aí eu falo, se eu falar uma coisa dessas só se for no pé do ouvido dele, falar: “você lembra?” Era a época do “O Calhambeque”. Mas tinha pouca menina, tinha poucas moças, mas já tinha mais ou menos umas vinte. Aqui era muito escasso de moça na época. Mulher, a gente novo, mas já tinha ali naquela parte, já começaram assim a ir pra cima dele. Aí o ajudante dele, o segurança falou: “ô rapaz, dá uma mão aqui, fazer um cordão de isolamento.” Aí nós fez. Porque ele tem uma perna mecânica, eu nem sabia. Aí aconteceu isso. Já pensou? Hoje em dia se falar... Poxa, mas se eu encontrasse hoje em dia eu falava, não é não? Porque ele, além de tudo é humilde, o tipo dele. Aí aconteceu essas coisas... Mas aí foi só subindo, foi só aumentando de gente, construindo. Trabalhei muito tempo em construção aqui.

Domingos: E tinha muitas duplas de viola nos circos?

Tião: Nos circos? Bom, no circo ia muitas duplas. Naquela época ia Silveira e Barrinha, Silveira e Silverinha, Praião e Prainha, que morreram novo. E vinham muitos, só Tião Carreiro que eu nunca vi por aqui. Eu nunca vi ele assim. Mas tinha muita dupla. Tinha também aquelas pessoas que vinham, às vezes, do Rio de Janeiro, fazendo show nas praças. E as mulheres cantando e dançando, Linda Batista e mais algumas da época dela. Então tinha tudo isso na época.

Domingos: Quais eram os lugares que os circos ficavam aqui em Brasília?

Tião: Eles ficavam ali onde eu estou te falando, naquela praça. É o lugar mais de movimento que ficou circo ali, naquela época, perto da Praça do Relógio, mas depois da praça, indo pra cima, perto de uma igreja. Esse foi o do Cascatinha e Inhana. E depois cá em cima na praça do Mercado Norte. Ali na praça do Mercado Norte eu fui feirante, não falei pra você, eu fui feirante também. Fui feirante de [19]65 a 67. Na praça do Mercado Norte ali, a feira era de

frente, depois passou para os fundos. Ali naquela praça tinha ciganos também que acampavam ali. Quando não era circo era cigano. Ali era cheio, tinha parque, o parque do vira-vira. Cantamos no parque do vira-vira, subimos pra cantar lá em cima. Então aí tinha ciganos, eu pude ver um casamento cigano, a semana inteira festejando! *[Risos]* A semana inteira o casamento. Então teve muita coisa aqui, rapaz!

Domingos: O senhor trabalhou em alguma construção também no Plano Piloto?

Tião: Trabalhei. No Plano Piloto eu trabalhei muito. Hoje minha filha mora num prédio lá que eu ajudei a construir, aqui na 202. E trabalhei pra muitas firmas. Tinha muitas firmas antigamente. Ribeiro Franco, Rabello, tinha muitas firmas [construtoras], demais. Hoje que não tem, mas tinha demais da conta. Trabalhei na construção. Trabalhava na época da lei seca, ia pra rodoviária. Em [19]68 eles puseram um tacho de cobre lá escrito “ouro para o bem do Brasil” pessoas que quisessem tirava a aliança e botava lá. Teve isso aí também!

Domingos: E as pessoas colocavam?

Tião: Colocavam. Eu olhava lá, falava: “é, o meu não vai não, minha aliancinha nunca!” E aí a gente via, as pessoas colocavam. Mas hoje eu fico pensando, o pessoal era, como que se diz, militar. Era dos militares que mandavam, mas uma coisa a gente pensa, eles não roubavam, não é? Você já pensou? Eles não, eu acho que eles ganhavam o dinheiro deles e viviam com o dinheiro. E hoje você vê como nosso país está, eu lembro daquilo.

Domingos: O senhor lembra da vila Amaury?

Tião: Vila Amaury... Eu lembro da Vila Tenório lá no Bandeirante, a placa da Mercedes, que eles falavam Placa da Mercedes, mas era o lugar... E lembro da invasão do IAPI. A Vila Amaury acho que era por ali mesmo... Tem a Vila Planalto, é, Vila Amaury acho que foi por ali mesmo. Porque lá tinha a Vila Tenório, outras vilas e tinha essa que eu falei que era lá da placa da Mercedes, também tinha. Tinha a Metropolitana, Cidade Metropolitana lá, Bandeirante, e a Vila Amaury. Eu sei que o Zé Mulato saiu da Vila Planalto, foi morar lá na QNL... Os pais dele na época foram pra lá. Tinha a Vila Amaury mesmo, eu não me lembro, situada, se era perto da estação de trem ali, perto do Bandeirantes.

Domingos: E nesse período, quando o senhor chegou, havia violeiros aqui em Brasília?

Tião: Violeiro, violeiro mesmo não. Tinha... Eu não sei se o Campinol, que faleceu há pouco tempo, ele fazia o programa “Ranchinho de palha.” Propaganda do Café do sítio. Então ele era, tocava, em [19]66 já tinha ele. E tinha outros aí, o Zé Mulato começou também. O Zé Mulato tocava na afinação Rio abaixo. Você já entrevistou ele? *[Domingos confirma gestualmente]* *[Risos]* Tá certo! Então tinha, mas era pouco. Era pouco. Tinha uns, quando eu cheguei aqui tinha o Toninho e Tonhão, parece, não sei, parece que eles eram de Belo Horizonte. Mas sempre teve, aqui depois, na época de [19]65, 66 tinha muito esse pessoal de Goiânia. Eu aprendi polca foi com eles. Eles perto do Mato Grosso, por ali, tinha uns caras que tocavam: Trio da Vitória, Sinval e Dalmir, Os filhos de Goiás. Eu gosto daquele estilo

deles. Então eu era mais daquele estilo, eu não era violeiro. Eu não era, vim pegar a viola depois. Eu gostava do estilão da polca, chamamé, tudo isso.

Domingos: Como o senhor vai reencontrar a viola aqui em Brasília?

Tião: Aqui em Brasília foi o seguinte, eu estava nessa época, cantava mais um colega aqui, o Rubens, mas isso foi em [19]65, não durou muito tempo não. Nós cantava essas modas de lá do Goiás. Modona, guarânia, Dono da Noite e Riacho, essas coisas. Então tocava em dois violões. Eu fazia meu violão, eu fazia na braçadeira, você sabe como é? Vou tocar no Mi, a viola toca no Mi. O que a gente canta em Mi eu fazia um Dó aqui e tocava. E fazia uns arranjos nessas cordinhas *[Toca na viola]* E aí ia batendo, acompanhando. Então era polca, essas coisas, batia... Hoje tem a querumana. Querumana, cururu. Cururu toda vida teve, desde que eu comecei a cantar “O menino da porteira”, não sabia nem pontear já batia o “O menino da porteira”, era cururu. Mas aí eu gostava muito daquilo, tocar com braçadeira. E aí passei pra viola, justamente, você perguntou da viola. Aí eu comecei. A minha esposa me deu uma viola, mas com essa já foi umas quinze violas que eu vejo falar que as esposas deu pros maridos. A viola era Tonante, que antigamente parece que era “Rei dos violões”, era Tonante. Mas era muito difícil. Se a pessoa não soubesse trabalhar a viola igual a gente sabe hoje mexer, tirar. Aí, por exemplo, se está com o traste, às vezes uma viola de fábrica você está com o traste muito ruim, você passa a lima e depois... Aí era difícil a vida. E fui entrando, pegando umas violas, pegando outras violas, fui interessando e pegando outras e aí foi. Aí que eu fui me reencontrando com a viola e ficando mais só tirando uns arranjos e tal.

Domingos: E como é as polcas que o senhor fala, o senhor chegou a fazer alguma coisa, compor?

Tião: Não, só cantava mesmo.

Domingos: Ah, era mais cantado?

Tião: Cantado.

Domingos: Como é a batida da polca?

Tião: Aqui?

Domingos: É.

Tião: Bom, eu bato aqui *[Toca na viola]* Eu gosto de polca, gosto de chamamé... Não, esse aqui é som asteca. *[Toca na viola]* Pra mim o som asteca é antes do uapango. *[Demonsta na viola]* O uapango. Aumentou [Acelerou] é o som asteca. *[Toca na viola]* Aí vem o carrilhão. Cada um a gente pensa numa moda pra poder falar. Aqui entra aquele “Desde que te vi” *[Cantarola]* Um dia de manhãzinha, ao percorrer a fazenda... *[Toca na viola]* Aí se você

quiser alguma coisa, bom, você também é violeiro, se você quiser ir na minha casa um dia pra mim mais a minha esposa gravar umas coisinhas...

Domingos: O senhor poderia demonstrar como o senhor toca os outros ritmos como cururu, cateretê, só uma demonstração do ritmo?

Tião: *[Toca na viola]* Querumana. *[Segue tocando a viola]* “Saudade”

[Toca na viola e canta trecho da música “Saudade”, de autoria de Tião Carreiro e Zé Matão]:

Saudade palavras lindas

Que todos querem falar

A gente sente saudade

Saudade tem que deixar

Saudade neste meu peito

Chegou a criar raiz

Saudade de longe vem

A saudade de alguém que já nos fez feliz

Tião: Essa é a querumana. Do tempo que eu cantava com Reis Moura, nós cantou demais isso. Bom! *[Dedilha a viola]* Gosto muito dessas coisas *[Demonstra na viola]* Quando tem acompanhamento é bom *[Segue tocando a viola instrumental]*

[Toca viola e canta “João Boiadeiro” de autoria de Morena e Moreninho:]

De Mato Grosso, sertão cuiabano

Vive a boiada ali nos pantanais

Apareceu um rapazinho pobre

Que nesse mundo vivia sem pai...

Tião: É por aí, essa é “João Boiadeiro.” Esse arranjo aqui, “João Boiadeiro”, eles fazem esse arranjo num órgão. Mas eu acho que eles fazem tão bem feitinho, depois eles vai passar para outra, você presta atenção nisso que estou te falando, no original. Passa para outra, não sei, muda de posição o trem desencarrilha, sabe? Então eu acho ela mais bonita aqui na viola. Não é porque eu faço, qualquer um faz, uma viola bem tocada. Eu sei admirar um violeiro bom. Então isso aqui é um rasqueado *[Dedilha na viola]* Aí nesse CD meu tem um chamamé com acompanhamento. *[Toca instrumental na viola]* Esse é o chamamé, chama “Cidade Morena”, isso é do Tião Carreiro. *[Dedilha a viola]*

Domingos: O senhor gravou uma música sua aqui no CD?

Tião: É.

Domingos: O senhor poderia mostrar ela pra gente?

Tião: Sim.

[Toca na viola a música instrumental “Fumaceira”, de sua autoria]

Tião: Mais ou menos isso aí, sem acompanhamento fica meio difícil, mas dá pra mostrar mais ou menos que sai daqui [microfone] fica melhor! *[Dedilha a viola]*. A minha esposa canta muito, canta polca.

[Toca viola e canta a música “Desventura”, de autoria de Zacarias Mourão e Zé do Rancho:]

Você não sabe menina

Você não pode saber

Como este amor impossível

Tem me feito padecer

Eis aqui minha desdita

E a minha sorte mesquinha

Não posso ser de você

Você não pode ser minha

Tião: Não solta a voz, porque tem que gritar, a voz meio amarrada tem que sair alto. Então é isso aí que a gente hoje em dia canta. Ela gosta muito dessas, ela canta pagode, canta uns doze pagodes mais eu. Principalmente esse, vou fazer... *[Toca na viola]*. Estou estranhando porque as cordas estão meio juntas, estou tocando uma outra [viola] do Dida, mas as cordas meio juntas... *[Dedilha instrumental na viola]* E as cordas juntinha aí ela fica mais... *[Dedilha a viola]* Dá pra entender o que é? Pagodão, esse pagodão que todo mundo toca, hoje em dia os pagodes “A coisa tá feia”... Aprendi muito pagode do Tião Carreiro, depois fui pros pagodes do Bambico, que eu gosto muito *[Dedilha na viola]*.

Domingos: O senhor lembra alguma do Bambico? Algum trequinho?

Tião: Um trequinho *[Toca na viola a música “Brincando com a viola”, de autoria de Bambico e José Homero]* Mas ponteando mais ou menos dá pra ir...

Domingos: O senhor dá aula de viola também?

Tião: Dou aula de viola.

Domingos: Tem bastante gente interessada em aprender?

Tião: Hoje até não tem muito não porque a internet, antes da internet até que tinha, mas o pessoal está indo pela internet. Mas vai lá aqueles que querem ver... *[Dedilha na viola]* Eles querem ver de frente, pegar direitinho, porque na internet não mostra. Ela mostra, mas não mostra tudo... *[Dedilha a viola]* Aí muda, que eu estava te falando sobre a viola, sobre cantar com a voz feminina. Às vezes tem que tocar no Dó *[Demonstra na viola]* Às vezes toca no Sol *[Demonstra na viola]* André e Andrade:

[Canta e toca trecho da música "Terra amada", composição de autoria de José de Freitas Machado, Renner e Rick:]

Preciso encontrar um jeito de voltar pra minha terra

Estou morrendo de saudade do meu rancho pé da serra

A siriema fazendo dueto na chapada

É o canto da natureza que não se compara a nada

Tião: Por aí vai *[Risos]* Essas que eu mais ela [refere-se à esposa] canta. Canta isso, canta outras mais... Ela gosta de muita moda. Eu canto muita moda tipo versão, versão é o que mais tem, você sabe, tem muita versão que começou Tibagi e Miltinho, Pedro Bento e Zé da Estrada, Belmonte e Amaraí. Então ela gosta muito, é "Pombinha". *[Canta]* se eu pudesse voar... Aí passou pra essa área, antes eu já tocava quando eu tocava violão. E aí já passou pra essa área. Tibagi e Miltinho até nem tanto, mas Belmonte e Amaraí. Então agora estamos nessas... *[Dedilha na viola]* Aqui nós canta até... *[Demonstra na viola]* Como que chama essa? *[Cantarola]* me recordo quando a saudade... A "Mercedita." *[Toca a viola]* Agora tem uma moda que eu canto mais ela, o cara se não for bom pra acompanhar no violão... Bom, assim treinando já fica difícil. É a "Tardes morenas de Mato Grosso." Ela começa num tom aqui, vem pra aqui, tal... É onde a gente explica mais na viola, porque quando vai tocar viola muita gente pensa que viola é só rasgado, não dão valor, caras que tocam violão clássico, essas coisas, eles pensam nisso. Mas não é. Se você não fizer a passagem não dá. *[Dedilha na viola]* Passagem.

[Toca viola e canta a música "Tardes morenas de Mato Grosso", de autoria de Goiá e Valderi:]

Com a rainha do meu destino

Fui conhecer o jardim de Alá

Onde nas flores da madrugada

Ainda cantava o sabiá

Tardes morenas de Mato Grosso

A paz do mundo achei por lá

Árvores lindas e bem cuidadas

Soltando flores amarelando

Sobre as calçadas de Cuiabá

Domingo triste da despedida

Chora viola lá no “Crespim”

Deixei o Mato Grosso querido

Mas pela deusa chorando eu vim

Eu fiz pra ela um simples verso

O universo sorriu pra mim

Minha viola brilhou nos campos

Devido aos bandos de pirilampos

Nos verdes campos lá de Coxim.

Tião: Tá vendo quantas passagens tem aqui? É por isso que eu falo com a turma. Eu falo: “você quer fazer, você quer entrar na aula já tocando em vez de saber acompanhar.” Eles querem fazer o pagode. Muitos querem fazer o “Pagode em Brasília.” Todo mundo quer fazer. Mas não é isso, tem que saber acompanhar primeiro. Se ele acompanha ele canta, porque lá ela ajuda a cantar também, que é até melhor. “- O que você quer?” “- Quero cantar isso e aquilo...” Eu já ensinei umas quinze pessoas ou mais a botar a voz. Essa voz quando dá aquele baixão na voz *[Cantarola]* eu não sou culpado se hoje você chora, pois foi você mesma que me abandonou. Implorei tanto pra não ir embora. A minha vida eu canto... Nessa eu já ensinei umas quinze pessoas a colocar a voz. Porque não sabem, aí eles montam e vai. Hoje em dia, esses jovens de hoje, eles trabalham montados na voz um do outro. Esses músicos universitários, sertanejo universitário. Eles trabalham muito montados na voz, não tem aquele dueto. Então é isso aí que eu falo pras pessoas, tem que aprender as passagens que a moda pede. O pagode, quando o cara pega o jeito do pagode é uma das coisas, muita gente complica ele. Pra ficar mais... Ficar mais no dele e tal, mas quando você pega... Eu estou tirando uma moda aqui do José Rico “Fim de estrada.” Aquela é mais difícil de tocar do que um pagode, às vezes. Você fazer aquele negócio do piston [trompete] na viola aqui. Mi, por exemplo *[Demonstra na viola]* Você fazer isso aqui pra cantar, porque eu e minha mulher tem que fazer no Sol. Aqui, olha *[Demonstra na viola]* Então eu procuro fazer isso tudo e sem usar braçadeira também. Porque braçadeira não sou contra não, mas ela exige mais você aprender a tocar. Você fazer a posição, por exemplo, em

Dó *[Demonstra na viola]* Aí então a gente tinha que pôr braçadeira, mas a gente tem que procurar fazer sem colocar pra tocar mais... Ser mais profissional.

Domingos: Quando o senhor está tocando viola o que o senhor sente?

Tião: Ah, viajo. A gente viaja no instrumento. A gente que tem ouvido, essa pessoa que viaja e arrepiá. Porque tem gente que arrepiá eu também se eu vejo você fazer uma coisa bonita. Mas a gente viaja na música, é muito bom o som. Muito linda a viola!

Domingos: O senhor é caipira?

Tião: Caipira. Sou caipira *[Dedilha a viola]* Sou. Sou caipira sim. Caipirão ainda! *[Risos]* Caipirão no modo de falar, na paciência... E tenho muitos amigos aí, tenho muita pessoa da alta que eu toco pra eles, sabe? Lá naquele clube da roda, como chama? É o... Como chama aquele clube lá perto do lago? É o clube... Tem umas pessoas aí que é do clube, então eles me levam. Tem um pessoal gaúcho que gosta muito. Então de vez em quando eu vou pra lá tocar com eles lá. Às vezes eles levam um sanfoneiro gaúcho também. Mas no fim das contas a viola é que fala porque eles querem ver. Eles querem ver viola, cantoria e tudo mais. Então é no Rotary, no Rotary. O pessoal do Rotary está me levando lá, de quinze em quinze dias, e eu além dos amigos que eu tenho lá. Mas você sabe que muita coisa hoje parou por causa disso ó... O pessoal ia pro Rotary, todo mundo ia tomar um golinho, uma cervejinha. Hoje ninguém toma, acaba. Vai acabando as festas. Por exemplo, fui pra Castelo esses dias, levei meu neto que eu ia levar o colega pra me acompanhar e eu gosto de uma... Estava com a minha esposa também e levei meu neto aí nós tomou um golinho, uma pinguinha assim. Mas só da boa, só pinga Salinas pra lá. Então o moço lá gosta de uma pinga, o Lázaro, da Castelo. Estava só amigo daquele povo todo lá, gente boa. E nós toma um golinho pra bater um papo e tal. E tocar viola. E na viola aí entra todo mundo pra cantoria, isso que é bom!

Domingos: O senhor acha que hoje em dia a viola está bem?

Tião: A viola está. A viola, o Galvão e Galvãozinho fez uma moda de viola, um pagode que até o Zé Mulato... Um dia eu liguei pro Zé Mulato, ele estava lá em Anápolis: “a viola está voltando.” Eu falei: “essa viola já voltou há muito tempo.” Ela já voltou e está há muito tempo. E agora na mão de menina que dá show de viola, menino. Você já viu aquele cara, aquele Maicon Amaral? Rapaz, que cara! Desde menino, aquele pra mim é um dos melhores, o bicho é bom. E ele não sai, ele fica na violona caipira mesmo! Só que eu te falo, esse floreado aqui *[Demonstra na viola]* Viola solta é a mais bonita e é mais fácil. Mas não é dizer que estou falando que é fácil. Pra ele não, que ele faz coisa que eu vou te falar. E aquele Rangel com a segundona... Aqueles caras é muito bom, rapaz! É muito bom! E agora, eu gosto de todo mundo daqui, mas se eu for falar num cara completo aqui é o Dyego. Dyego é violeiro, violonista, viola, contrabaixo. Agora está tocando uma sanfona, acordeon. Aquele cara é demais!

Domingos: Antigamente as mulheres não tocavam viola?

Tião: Não tocavam. Não tocavam e a mulher que começou a tocar viola foi a Juliana Andrade, eu lembro, a Juliana Andrade. Aquela Juliana... A Jucimara, ela também tocava uma viola. Eu lembro de ver ela tocar. Depois ela passou a cantar com a Juliana. Aqui tem uma menina daqui mesmo que eu fui professor dela, a Dayane, é Dayane Rosa [Reis]. O pai dela, eles têm terreno lá em Urucuia, mora aqui e mora lá. A Dayane foi minha aluna aqui muito tempo. Ela é enfermeira e gosta de tocar viola e cantar também. Então aqui as meninas começou a querer tocar. Eu mesmo já dei aula pra umas três meninas. *[Toca a viola]*

Domingos: O que o senhor ensina pra pessoa quando ela chega lá?

Tião: Eu ensino o mais fácil, o “Chico mineiro!” *[Risos]* *[Dedilha na viola]* Aqui é o solado do toque. *[Demonstra na viola]* “Chico mineiro.” E tem muitas outras coisas *[Toca a viola]* É “O menino da porteira.” “O menino da porteira”, “Chico mineiro”, “Cabocla Tereza” e vai por aí essas mais fáceis. *[Dedilha na viola]* Essa é uma polca, você bate ela aqui, misturando as coisas *[Demonstra na viola]*. Aí você vai inventando, fazendo...

Domingos: Vi que o senhor gravou aqui uma música do Gedeão da Viola. O Gedeão é nascido lá na minha cidade, em Limeira...

Tião: Limeira, né? Gedeão. Você viu aí que eu fiz, pus tudo aí certinho, os nomes das coisas. Tem gente que só cantou, mas não falou quem acompanha, não deu jeito de eu fazer, mas tem uns aí que foi. Liu e Léo cantou... Vou pegar aqui uma lixinha aqui que essa unha minha está muito, agarrando demais, sabe? Mas aí, então, tem do Liu e Léo, eu tinha que falar nas modas, só tem que pôr moda, as modas que foi feita. Do Gedeão, qual que é?

Domingos: “Sem fronteira.”

Tião: É. Tem duas aí, não é? Uma do Marcos Violeiro, outra dele? A gente faz isso aí, mas a gente destreina tanto, rapaz!

Domingos: Marcos Violeiro tem a “Sem fronteira – chamamé”...

Tião: Chamamé. E a do outro é um rasqueadinho, não é? Me lembro de um dia que Cacique e Pajé esteve aqui, já o Pajé segundo. Esteve na casa do Zé do Campo. Eu tinha aprendido os arranjos todos dele de pagode, do CD que ele fez. Chamei ele pra cantar, ele não estava nem sabendo cantar. “- E rapaz, você ainda lembra disso?” O “Brasil 500 anos”, aquele CD. Tanta coisa bonita. Também às vezes eu toco mais essa polca aqui *[Toca na viola]* A gente tem que ensaiar pra fazer. E eu estou estranhando essa viola. Depois que eu dei uma arrumada nela não mexi nela mais, tem as cordas mais juntas, sabe? Mas estou mostrando...

Domingos: Qual a qualidade que o senhor acha que um violeiro precisa ter pra ser bom?

Tião: Ah, o violero bom, uma coisa que ajuda muito... Porque a pessoa com dom. Tem dom. E se ele tiver o dom, é claro que ele sabe... A voz, ele tem que saber qual é primeira e segunda voz pra dois violeros cantar junto, uma dupla cantar. Então se ele tiver o dom já é muita coisa. Porque a pessoa chega lá, fala: “eu não tenho dom.” Quando a pessoa não tem o dom, vai aqui na digitação e vai aprender, vai aprender decorando... Afinar de ouvido, afinar de ouvido é uma grande... E saber escolher, porque as pessoas hoje, eu já peguei aluno que ele toca porque está tocando, está digitando, está sabendo, está marcando. E quando a pessoa não dá o tom, pra saber onde você vai cantar, você vai fazer um arranjo, se é num Mi se você der um tom de Lá vai cair na Lá. Mas já fica marcando esse aluno que já pegou com outras pessoas e comigo. E vai cantar também, se a viola está aqui, ele canta onde der pra ele. Canta muito baixo, fora... Semitom não tem jeito. Mas então eu acho que ele tem que gostar e ter o dom pra coisa. *[Dedilha a viola]* Isso está aí, Moreno e Moreninho. Então, Moreno, ele tocava, ele fazia os ponteados bonitos. Viola quase solta. *[Toca a viola]*. Está muito estridente essa violinha, não está? Mas é metal! *[Dedilha a viola]* Então é isso aí, a pessoa tem que gostar. Antes ele tem que gostar e começar a cantar mesmo batido. Por exemplo, cantei muito modão *[Demonstra na viola]*. *[Cantarola]* vai com Deus, seja feliz com o seu amado... É os modão. Modão bom do Tião Carreiro. Modão do Goiano. Goiano também tem uns modão, às vezes eu canto algumas do Goiano, ele está com uns hinos. Lá em casa meu pessoal é tudo evangélico, as minhas filhas, netos, tem um filho que não é. Mas então eu gosto de fazer um hino e eu gosto da igreja dele. *[Dedilha na viola]* Aquele fala assim:

[Toca viola e canta o hino religioso “Aos olhos de Deus”, autoria de Goiano:]

Pela fé que tenho em Deus, vou dar meu depoimento

Jesus Cristo é o caminho, é o nosso segmento

Muito obrigado meu Deus pela voz, o meu talento

A fé alimenta minha alma e pra manter a minha calma

Deus me deu entendimento.

Tião: Tem outra também, quer ver? *[Dedilha na viola]* Essa é meio difícil, quer ver?

[Toca a viola e canta o hino religioso “Palavras do Criador”, autoria de Goiano e Marcos Flavio:]

As leis de Deus pra todos foram escritas

Estão na Bíblia e são fáceis de aprender

Quem está com Deus está no caminho da glória

Só precisamos a palavra obedecer

A paz de Deus em nome de Jesus Cristo

Só maravilhas você tem pra receber

Pois quem caminha com Jesus está na glória

A mão de Deus pra você vai se estender.

Tião: Pessoal fala que isso aqui ficou muito comprido, mas eu acho que não. Porque enquanto você não dá o tempo, não é comprido. Não é? Então isso aqui eu faço, canto também pra minha turma lá.

Domingos: Essa aí é do senhor?

Tião: Não. É do Goiano. O Goiano antes de morrer deixou muita coisa gravada. Ele deixou, morreu novo o Goiano. Tinha um jeito de tocar viola bem diferente. Demais da conta!

Domingos: Seus filhos gostam de ver o senhor tocar?

Tião: Gostam! Gostam e então eles fazem a reunião, porque as minhas meninas são de uma igreja aqui, até eles falam: “você toca ‘Dom de cruz’ na viola?” Eu falo: “toco.” Aí eu toco, a gente reúne e toco. Porque a viola, você pode até cantar moda, porque a minha menina fala: “uai, moda que fala em amor, o crente também ama, não é?” *[Risos]* Então é isso aí... Eu acho também, mas a gente fica meio assim, mas tem vezes que pedem pra tocar. *[Toca a viola]* Então coisa de Deus tudo é bom! *[Toca instrumental na viola]* O povo gosta muito de “Chalana”, não é? Então essa viola hoje ela está com as cordas... Ela está metal *[Demonstra na viola]* Está dando até um som *[Exemplifica na viola]*.

Domingos: E as violas artesanais são melhores que as violas de loja?

Tião: As violas artesanais é o seguinte: uma viola dessa vem maciça aqui, olha. Agora vou te mostrar o trabalho. Isso aqui é lá... Você conhece Minas Gerais, Patos de Minas, praquele lado? Tem um tal de Varjão, Varjão, Andrequicé, onde tem uma festa de Andrequicé. Então isso aqui é de lá do Varjão, de Jacarandá. Jacarandá de vargem. É quase um [Jacarandá do cerrado] cerrado, mas não é cerrado. Está vendo? Foi feito lá. Ela trabalhou. Aí a gente pegou, por causa da época, porque aqui em Brasília é ruim demais pra instrumento. Por causa da época a gente deixou passar, nessa seca agora a gente arrumou. Tem outro verniz, onde, às vezes, deu uma desmembrada, a gente arrumou. Então ela agora está boa. Isso é madeira de lá, de Minas Gerais. E a madeira que o Ivo, violas e voz. Ele vai mostrar a viola dele, não sei, você falou sobre o cerrado, tem a vinhático, é do cerrado, madeira de lei, ficou muito bonita a viola, viu? Então isso aqui é de lá. *[Dedilha a viola]* Ah, sim, você estava falando sobre a viola... Mas é uma viola maciça. Maciça, a pessoa tem o prazer de encomendar porque é toda maciça, não é laminada. Mas não seja por isso, que é laminada também e soltaram umas laminadas aí com o tampo desse de pinho. Aqui é o pinho [bate no

tampo] que é boa também. Aqui é bom que você faz do jeito que você pede. *[Toca trecho instrumental na viola]* Minha esposa gravou essa aí, “Ciganinha”. É um corrido.

Domingos: Quantas violas o senhor teve ao longo da vida?

Tião: Rapaz, foi muita! É muitas violas que vou te falar, inclusive eu negociava viola do Dida pra cá, sabe? Então só dele eu vendi umas vinte e cinco. Mas de minha mesmo eu já tive mais de umas vinte violas também. Hoje lá em casa você vê, eu tenho duas do Dida, uma do Ivo, uma do Fernando e outra do Zé. Da viola do Zé, é uma que eu estou arrumando, uma viola de roxinho que ninguém sabia que podia fazer uma viola daquela. Ela trincou e tudo e estou arrumando, vai ficar boa, tem um som muito bom! *[Dedilha a viola]* E muitas violas, tive viola... O Bruno luthier foi eu também que despertei ele pra fazer viola, que ele trabalha pro Clube o Choro. Fazer violão pro Clube do Choro, eu falei: “rapaz!” O primeiro violão que ele fez estava mostrando lá no Plano Piloto, na casa da minha menina, no prédio embaixo. Aí eu falei pra ele: “rapaz, você faz violão mas eu sou violeiro. Você quer fazer uma viola?” E dei todas as medidas pra ele, tudo, a escala. Aí ele... *[Dedilha a viola]*. Inclusive o Dyego estudou com ele lá. Estudou pra começar as violas dele, está fazendo viola muito boa. Tem uma coisa, a pessoa que toca, tem aqui a afinação e tudo, ele vai fazer a viola dele muito bem. O Dyego então é por isso. Agora, as pessoas que já não têm na mente, que só quer fazer, só fazer, só faz ali decorado aquilo... Tem muita gente que arranja gente pra experimentar a viola e tal. Então a pessoa que faz já faz boa. Já sabe o que um violeiro gosta. Inclusive eu mandei pro Dida, falei: “Dida, os violeiros gostam assim, assim, fazer os braços...” Essa aqui não tem aquele saltinho, mas aqui tem um saltinho, sabe? O povo gosta disso. O braço médio, braço mais fino um pouco. Eu falava pra ele, ele foi soltando as violas e o povo foi agradando. Aqui eu não tinha nada que reclamar. Antes as violas dele eram muito finas, dava muito som [Refere-se à espessura do tampo do instrumento, que por ser fino vibra mais, emitindo bastante som]. Aí eu pedi a ele pra fazer mais grossa um pouquinho, porque estava fazendo um leque aqui. Teve umas duas que fez. Então é isso aí. Viola feita por luthier é bom. Você escolhe, tem muito luthier. Está tendo luthier demais da conta. Você tem que ver com quem, qual é a viola que você vai ver.

Domingos: Antigamente não tinha tanto luthier?

Tião: Não, aqui mesmo não. Aqui nem tinha. Não tinha, o primeiro que eu fiz viola com ele aqui foi o Bruno. O Bruno fez pra mim seis violas. Eu tinha encomenda de algumas, passar para alguém. Então ele fez pra mim, aqui não tinha aí começou a aparecer luthier. *[Dedilha a viola]* Mas é o seguinte, sendo boa, porque tem a viola que você toca é uma viola pesada. A viola tem que ser maneira, não é? Desacostumei a tocar com essa aqui, depois que arrumou, porque estou tocando só numas que estou ajeitando, sabe? Inclusive é diferente a corda, é mais longe um pouquinho da outra lá. Se tiver uma unha assim, aí você põe a unha postiça. Isso aqui não aguenta, porque eu costumo fazer nos meus toques aqui e [eu] mesmo ir acompanhando, você viu mais ou menos isso, não é? Mesmo que o Cassiano falou: “É Tião...” Falou pra mim um dia: “Nós é mais difícil, que nós, você não fica esperando a nota

do outro, você não fica esperando sozinho.” Se tivesse com outra pessoa, aí fazia o preenchimento, mas igual *[Exemplifica tocando na viola]* Mais ou menos assim!

Domingos: Na viola tem muito essas histórias de pactos e causos... Lendas assim, o senhor conhece?

Tião: Já vi o povo contar, mas não acredito nisso não. Isso aí eles falam que tocou pro capeta, não sei o que tem, que o capeta era um moço muito bonito, descendo de canoa e tal... Eu gosto de ver, o Renato Andrade contava *[Risos]* Renato Andrade já toquei junto com ele. Isso aí também. Renato Andrade vinha aqui em Brasília. É o tal negócio. A polca. Aí ele trazia o Serra Grande, o Serra Grande não sabia tocar polca e o Renato Andrade doido por causa duma polca. Ele falou: “Tião, se eu pudesse tinha nascido no Paraguai, fazer as polcas.” Ele estava com sessenta e quatro anos, o Renato, na época. Isso tem uns vinte anos. Na casa do Aparício. O Aparício Ribeiro... Eu estava ajudando o Aparício pôr ritmo numas coisas dele, porque o Aparício era violonista de banda e tal. E ajudando, ele falava: “isso aqui pode ser uma polca.” *[Toca trecho na viola]* E eu mandava. Aí eu mandava pra ele, mas aí um dia o Renato veio aqui para um show dele e foi pra casa do Aparício. O Aparício levou ele pra lá. Aí eu fui lá pra ver e o Aparício deu na hora... Eu falei: “esse Paturi aí é uma polca.” Eu estava no violão. E tocando. Aí o Renato tinha acabado de almoçar e estava fazendo a sobremesa, e nós mexendo lá fora e ele veio... Rapaz, aquilo pra mim, quando ele veio e viu eu tocar, que ajoelhou e eu estava com o joelho assim. Ele pegou no meu joelho e falou: “Mas você toca polca? Porque o Serra Grande, além de estar dormindo, não bate uma polca.” Aí rapaz, aí foi de duas horas até dez horas da noite. Minha menina foi me buscar, ele não queria que eu fosse pra nós tocar. Ele fazia, quando estava num Mi, eu estava num Mi e ele pegava a viola Rio abaixo, eu passava pro Sol e mandava ver. Eu também empolgado. Ele falou: “Tião, você faz uma terceira de vez em quando, é bom!” *[Risos]*. Empolgado com ele e ele na polca *[Toca instrumental na viola]*. Mais ou menos isso aqui, é mais ou menos, que isso aqui estou completamente meio fora, mas é isso. *[Toca a viola]* Aí passava pra polca *[Toca a viola]* O violão é diferente. Aí nós ficamos o tempo todo, o Aparício pegava: “E eu, não vou tocar?” Falei: “Você não sabe tocar polca, Aparício.” E ele tocava aquele negócio dele, daqueles... *[Exemplifica na viola]*. Aí tocamos os calangos dele, aquelas coisas... *[Dedilha a viola]*. Muito bom violero. Quando eu vi ele fazendo, tocando viola, pra mim era o melhor violero. Ele fazia muita brincadeira. *[Toca trecho na viola]* Então hoje em dia eu uso a viola mesmo em traduzir acordeon. As modas de acordeon, então, eu passo pra viola. Porque a gente que mora onde eu moro, você tocar acordeon, acordeon dá muito alarme. E eu sempre gostei de instrumento. Eu já toquei com acordeon quando era criança. Meu tio tocava e eu mais meu irmão cantava, mas eu nunca gostei assim pra mim. Mas é bom! *[Dedilha a viola]*.

Domingos: Seu Tião, o senhor podia tocar mais um pedacinho da música do senhor, “Fumaceira”?

Tião: Tá.

[Toca instrumental na viola caipira a música “Fumaceira”, de sua autoria]

Tião: E aí continua *[Toca trecho na viola]*. Isso aqui é muito parecida com as polcas paraguaias, não é? E aí é fácil... *[Dedilha na viola]*. Então, por exemplo, as modas que você toca de sanfona, faço só uma comparação *[Toca trechos na viola]*. Está triscando aqui nas cordas, eu estou passando o maior perrengue pra fazer isso aqui, ó! *[Risos]* *[Toca instrumental na viola]*. Parece boiadeiro, não é? *[Demonstra na viola]*. Mas é isso aí. *[Dedilha a viola]*.

Domingos: O que é pro senhor a memória?

Tião: *[Dedilhando a viola]* Memória. Ah, isso é meus tempos, meus tempos de luta, tem mais, a memória dos tempos das Folias de Reis pra cá, trago sempre, você fala é isso, sobre isso? Então meus trabalhos, minha cidade, eu vim de lá com vinte e dois anos e pouco, lembro muito da lei seca aqui em Brasília, que eu enfrentei. Mas foi esse tipo de coisa mesmo. Os amigos da viola que já se foram por aqui... Então é isso, minha memória é isso. *[Dedilha a viola]*.

Daniel: O senhor ouvia viola na infância?

Tião: Ouvia, ouvia na infância os mais antigos que eram... Chamavam: os três batutas do sertão, Raul Torres, Florêncio e Nininho e os outros cantores também antigos. Eu morava na roça, dez anos de idade, meu avô mandava ligar o rádio pra pegar os caipiras de madrugada. Então programa do Nhô Zé. Não me lembro qual rádio mais, mas programa do Nhô Zé. Ele falava: “Vamos levantar, calçar o botinão, tomar o café reforçado e vamos trabalhar.” O galo começava a cantar! Então, isso é memória também! *[Risos]* Memória de menino! É isso aí. Depois, a gente ficava por ali até o programa, na rádio Bandeirantes, daqueles meninos, Liu e Léo. Eles falavam, ainda lembro, Zico e Zeca, irmão deles. Aí a gente teve oportunidade de encontrar e eu lembrar eles. Aí eu ficava até oito, terminava oito e quinze, pra mim ir pra roça. Eu ficava, sempre dia de quinta-feira, ficava sempre por ali, na beira da casa da fazenda, depois que eu ia trabalhar. As irmãs Galvão, eu vi crescer também. A gente tinha o livro de todos os caipiras lá na parede assim, tirava a capa do livro, deixava só o conteúdo e estendia a capa lá. Meu tio fazia isso. Vitrola, troquei muita corda pra tocar disco setenta e oito [rotações]. Muita moda daquele tempo, Zé Carreiro e Carreirinho, Tião Carreiro ainda não estava na área, ele começou de [19]63 pra cá, que eu lembro, 60 pra cá. Até fazendo o “Pagode em Brasília.” Mas isso aí que eu me lembro muito bem. Às vezes, na roça a caixinha de agulha acabava, você estava amolando ela na pedra pra passar outro disco, porque passava com agulha, não é? As Folias de Reis. *[Toca na viola]* As Folias, tinha Folias de todo jeito. *[Dedilha a viola]*

Daniel: O senhor poderia tocar novamente essa da Folia?

Tião: *[Toca instrumental na viola]* Essa é um tipo Folia. Tem muitos jeitos Folia, tem em Lá, tem “Vinte e cinco de dezembro” e outras do Parada Dura, que gravou. Então as modas, as

modas antigamente que tocavam. Eu, quando era menino, tinha doze anos, onze anos, antes disso, uns nove anos eu já tinha, mexia com cavaquinho. Eu tinha um irmão que sempre ele que arrumava. Aí tocava, até dançar com cavaquinho eles dançavam. Então tinha a dança. O Renato Andrade mesmo gravou *[Toca a viola]* Depois na Folia *[Toca trecho na viola]* Renato gravou isso assim, a dança do palhaço. *[Cantarola]* tá, tá, tá, tá, tá. É um tipo de um batuque. Então antigamente o povo dançava. Às vezes era muito difícil, o povo queria dançar. Eu conheci gente que até tocavam tambor, batendo e às vezes com a gaitinha ali. No meu tempo... Nos bailes, às vezes, já estava começando a namorar naquele tempo. Tinha uns caras que tocavam uns pé-de-bode [Um tipo de acordeon contendo 8 baixos]. Então era aqueles que dançam a noite inteira, o pé-de-bode. Violão. Aí eu comecei a tocar também, ajudar a tocar pra animar! *[Risos]* A gente gosta de lembrar aqueles tempos na música. E o povo gosta. Lá onde eu vou sempre, estou até convidado pra ir de novo lá, pra nós fazer nossa festa do nosso jeito. Às vezes estou sozinho com a viola, por isso que eu faço, às vezes eu começo num arranjo e bato... Então é o seguinte, o povo todo gosta.

[Canta e toca na viola a música “Colcha de retalhos”, de autoria de Raul Torres:]

Aquela colcha de retalho que tu fizeste

Juntando pedaço em pedaço foi costurada

Serviu para o nosso abrigo em nossa pobreza

Aquela colcha de retalho está bem guardada

Agora na vida rica que estás vivendo [...]

Tião: Minha esposa faz a primeira.

[Segue cantando e tocando a mesma canção:]

Terás como agasalho colcha de cetim

Mas quando chegar o frio em seu corpo inteiro

Tu há de lembrar da colcha e também de mim.

Tião: Bonito, não é? Então, a gente lembra muito essas coisas.

[Toca e canta a música “Querer bem”, de autoria de Tuta e Zico:]

Ouvi um sabiá cantando

Um canarinho também

Um cantava, outro respondia

Como é triste querer bem

Ai, ai ai ai. Ai, que dor.

Não posso viver alegre

Ausente do meu amor.

Tião: Então vai por aí, a gente passa a noite inteira. Nós cantamos a noite inteira sem repetir uma. Noite inteira que eu digo é assim, você pega das nove, vai até às quatro da manhã. Não precisa repetir, tem tudo aqui também. Eu só levo uma lista com o nome. Isso é bom pra memória, não é? E a gente puxar de lá assim. Você está numa festa, não tem como, por exemplo, se você for gravar um programa, claro que você tem que... Aqui a gente está à vontade, estou errando, estou estranhando aqui, está muito juntinho. Mas o negócio é o seguinte: você estando junto com as pessoas, todo mundo está ali. Não é? Já é a farra. Ou quando vai no programa cantar três modas, tem que saber. Igual eu ia no [programa de TV de] Luiz Rocha. Mas tem muita moda antiga, muita moda boa e tem moda nova também. Mas hoje, se você não puxar modão antigo as pessoas, principalmente, você vai tocar uma moda de viola, um pagode, que muita gente não conhece. Ele é quente, é bom, mas eu mais ela, por exemplo, nós toca o pagode do Teodoro Sampaio [*Toca trecho na viola*] Então a gente canta uns dois a mais, pagode. E tem as outras que a gente não esquece, ela gosta muito dessas modas, essas em versão mexicana também. Você pega...

[Toca na viola e canta a música “Faz um ano”, de autoria de Milton Rodrigues:]

Se eu pudesse te contar como eu sofro noite e dia

Se eu soubesse onde estás ao seu lado eu andaria

Tião: Isso aqui é a segunda voz, o primeiro que vai...

Faz um ano...

Faz um ano que eu padeço...

Tião: É por aí essa, ela puxa na frente e eu... É modas que é versão também, isso aí. Então a gente já está nessas, um modão que todo mundo faz aí, porque é a moda que o Luiz Rocha, por exemplo, lá no Luiz Rocha não está rodando. Ele não roda essas modas, é só modão, só raiz mesmo. Não é? Muita raizão. Mas a gente, por exemplo, eu passei a cantar com a minha esposa, ela gosta muito essa moda, tem que respeitar nosso estilo também, antes. Estilo aqui do Centro Oeste, Goiano também. [*Toca instrumental na viola*]. Tango argentino!

Domingos: Que conselho o senhor daria pra quem está começando a tocar viola?

Tião: Tocar viola?

Domingos: Que conselho o senhor daria pra quem está começando nessa caminhada?

Tião: Eu daria o conselho pra ir em frente e tocar, quer dizer, não querer fazer o que todo mundo faz hoje. Se você for olhar na internet aí você fica doido e é o que eu te falei: chega lá, vê a coisa e já quer tocar daquele jeito. Como é? Tem muita gente que desanimou, falo: “Não rapaz, primeiro você vai ter que conhecer o Dó, Ré, Mi, Fá da viola.” Aí eu passo pra eles lá. Aí eu tenho o braço da viola, eu passo as notinhas pra esse que está começando. Então quem está começando vai lá, eu dou um exercício pra ele, falo: “Você vai daqui, quando você achar que já pode vir, está batendo e fazendo, só batida.” Por exemplo *[Exemplifica na viola]* Lá, Mi com sétima, terceira, Ré. Eu passo isso pra eles então. Pra eles não gastar dinheiro à toa. Porque vai gastar dinheiro, eu não gosto disso. Eu falo: “Você vai, quando você achar que está bom vem.” E aprender, quem está aprendendo a tocar viola tem que aprender a base. Por exemplo, o pessoal que toca viola modante toca mais Mi, Lá e Si. O Si então: *[Demonstra na viola]* *[Cantarola]* *Numa estação rodoviária...* Então eles começam assim, eu gosto. Pra mim é um desafio, mas eles têm que aprender. Querumana: *[Toca na viola]* Aí já tenho visto CD de povo, de gente gravando: *[Demonstra na viola]* Quase igual um rasqueado, e não é: *[Toca na viola]* Eles têm que aprender isso. Então eu ia te falar, eles tocam mais em Mi, Lá e tal. Mas tem que aprender também: *[Exemplifica na viola]* Às vezes a pessoa tem que cantar num Dó. Às vezes a mão dói, mas a minha também dói! *[Toca a viola]* Dó. Eu ensino as três e depois o relativo. Terceira. Sol, Dó. Então o Dó, Ré *[Dedilhando na viola]* Eu gosto de fazer o Ré que tem, faz aqui. Eu prefiro que um acorde sempre fica solto. Essa ou essa. Eu prefiro deixar essa *[Demonstra na viola]*. Ré, Dó, não, Lá. Ré. Lá sétima, Ré. Terceira Sol. Família. Dó, Ré, Mi *[Demonstrando na viola]* Um Mizão. Que nego vai nele, brinca muito, não é? Então Mi, Dó, Ré, Mi, Fá. Eu não gosto muito do Fá *[Toca na viola]* Você vê que minha mão passa pra cima, sobra um dedo aqui! *[Risos]* *[Demonstra na viola]* Fá, Sol. Sol e Dó. *[Dedilhando na viola]*. Ré. Sol, Lá. Si. Aquela, o Sizão, que o povo gosta *[Demonstra na viola]* Si. Então a pessoa tem que tocar, fazer as batidas, o cururu *[Demonstra na viola]* É o cururu, a querumana... *[Demonstra na viola]*. Querumana, o som asteca *[Demonstra na viola]* Aqui, as pessoas também têm que saber isso, a divisão das cordas. Isso aqui, olha, isso aqui, eu toco até sozinho. Pra fazer um barulho bom, aqui *[Demonstra na viola]* O carrilhão, o uapango *[Cantarola]* *Comprei uma boiada brava e vim trazendo pro chão de Goiás...* Você deixa até uma sem bater, você vai no vácuo. Esses aí, todos os ritmos. A pessoa tem que aprender a pôr ele num arranjo. Fazer o arranjo, porque o importante, você canta sem estar fazendo arranjo. Mas se você fizer arranjo, não saber pra onde vai, eu tenho uns lá que é assim até hoje, rapaz! Eles querem tocar porque querem tocar mesmo e fazer ponteado. Aí depois a gente vai nos ponteados mais fáceis. *[Demonstra na viola]* *[Cantarola]* *Nasci em Goiás...* E vai por aí afora. *[Dedilha a viola]* *[Cantarola]* *Levantei-me um dia bem cedo pra ver lá na praia minha namorada, cheguei quando o sol já nascia só vi seu rastinho na areia molhada...* Por aí vai. Rasqueado e tudo mais, por exemplo, a valsa: *[Toca trecho na viola]* Uma moda muito antiga, é um valseado. *[Toca instrumental na viola]* Aí é o valseado. Muito bom também. E a outra pergunta que você falou? Terminou? *[Dedilhando a viola]*.

Domingos: O senhor assovia?

Tião: Tem uma moda lá que eu mais a minha esposa, é das primeiras que saiu, parece que com o Raul Torres e Florêncio, antiga. Eu mais ela estava assoviando, aí a gente começa a rir na moda! *[Risos]* Como que é a moda? É assim *[Toca instrumental na viola]* Naquele tempo ele fez um arranjo. É assim aquela...

[Toca viola e canta a música “Perto do coração”, de autoria de João Pacífico e Raul Torres:]

Quando eu pego na viola que sinto roçar no peito

Eu canto até de outro jeito pra minha mágoa esquecer

Eu tenho guardado dela com muito amor e carinho

Aquele seu retratinho me faz lembrar de mansinho.

Tião: Aí eles fazem um assovio. *[Assovia]* Aí ela faz o assovio, ela assovia mais grosso. Eu falo: “Não, mas está errado, você tem que assoviar fino.” Aí ela assovia, está assoviando por cima. É a pedido de amigo que gosta muito daquelas coisas antigas. *[Dedilha a viola]* Se quiser ir lá em casa uma hora, nós estamos às ordens, se vocês quiser ir pra apreciar uma moda, tomar um negócio lá, vai. Na QNI-J. Tem lá minha cozinha, minha cozinha é do tamanho disso aqui até lá mais na frente, mais largo. Levo os colegas pra lá. Dyego toda hora... Macedo vai sempre lá, é só lá! Então daí a gente pode mostrar alguma coisa.

Domingos: Muito obrigado seu Tião, obrigado demais do senhor ter vindo aqui compartilhar com a gente essa história bonita que o senhor tem de vida.

Tião: Aí você vai desculpando. É porque realmente o instrumento me sacaneou um pouquinho, mas podia sair mais. Mas o que estiver muito ruim vocês larga pra lá. E a vontade é de fazer bom! *[Dedilha a viola]*
